

CMN reúne-se para rever orçamentos

9 SET 1983

CORREIO BRASILEIRO

monet

O ministro da Fazenda, Ernan Galvêas, convocou reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) para a próxima quarta-feira, quando ele e o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, já terão retornado da viagem que farão aos Estados Unidos neste final de semana. O objetivo da reunião do CMN será a revisão dos orçamentos monetário e fiscal deste ano, bem como a reprogramação do setor externo a partir das novas metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Affonso Pastore informou ontem à noite, após passar a tarde reunido com o ministro Galvêas e diretores do Banco Central, que não está nos planos do governo alterar a programação monetária para permitir uma expansão da base: (emissão de moeda) e dos meios de pagamento (papel-moeda em poder do público mais depósitos à vista nos bancos) acima dos 90% projetados para este ano. "Não muda nada, será apenas um ajuste dos orçamentos monetário e fiscal ao novo programa de estabilização da economia brasileira"—afirmou.

Também o chefe do Departamento Econômico Depec) do Banco Central, Alberto Furuguen, negou que esteja sendo preparada uma nova revisão das metas de política monetária para este ano, explicando que continua valendo o percentual de 90% estimado para a expansão da base monetária e dos meios de pagamento. Juntamente com o diretor da área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, Furuguen participou da reunião no Ministério da Fazenda para acertar os números que serão levados à discussão com os banqueiros estrangeiros na próxima terça-feira, em Nova Iorque.

Pastore admitia que os números serão discutidos também com o Fundo Monetário Internacional, antes de passarem a fazer parte do novo orçamento monetário a ser aprovado na próxima quarta-feira. Assessores do Ministério da Fazenda, entretanto, revelaram que nesta viagem do ministro Galvêas não está programado nenhum encontro com os representantes do FMI, mas apenas com o governo norte-americano, o Banco Mundial, o Exibank (banco americano de importação e exportação) e com os banqueiros credores reunidos no Comitê de Assessoramento da dívida brasileira.

JUROS

O diretor da área bancária do Banco Central, José Luiz Silveira Miranda, disse ontem que, na

reunião da próxima quarta-feira, o Conselho Monetário Nacional (CMN) examinará medidas concretas para a redução das taxas de juros, mas garantiu que não vai mexer em nada no open.

Após longa reunião, que se prolongou por toda a tarde de ontem, com o ministro da Fazenda, Ernan Galvêas; o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore; o chefe da assessoria econômica da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Akihiro Ikeda, e o diretor da área externa do BC, José Carlos Madeira Serrano, Silveira Miranda assegurou que as medidas para a queda dos juros serão examinadas "com calma", até quarta-feira.

Para cuidar da questão dos juros, Silveira Miranda informou que não acompanhará Galvêas, Pastore e Madeira Serrano na viagem a Nova Iorque e a Washington, de domingo a quarta-feira da próxima semana. Mesmo no "open", observou que "nada vai mudar, antes de se saber o que fazer e isso não sabemos", inclusive com a manutenção do tabelamento das taxas do overnight. O diretor da área bancária do Banco Central rejeitou com veemência as insistentes propostas para proibição às pessoas físicas de aplicarem no "open": "Desconheço e nunca ouvi falar".

Silveira Miranda afirmou que, até ontem, não mantivera contatos com a Federação Nacional dos Bancos para discutir as propostas voltadas ao fortalecimento dos bancos privados no sistema bancário nacional, mas considerou justa a reivindicação dos bancos privados em restaurar o equilíbrio no sistema bancário, desde que as sugestões não venham a causar prejuízos estruturais aos bancos estaduais.

"Todos queremos — observou o diretor da área bancária do Banco Central — fortalecer o setor privado da economia. Todas as medidas nesse sentido são ótimas. Se os bancos apresentarem o documento a favor do equilíbrio no sistema, obviamente, Pastore irá examinar as sugestões e tomar as medidas que forem adequadas".

Dentro da "nova realidade econômica", Silveira Miranda argumentou que não faz sentido eventual pedido dos banqueiros privados para que o Banco Central limite ainda mais a concessão de cartas-patentes a bancos oficiais para a abertura de agências. Explicou que, "nas circunstâncias atuais, nenhum banco está querendo abrir agência, particularmente os bancos estaduais".